

Mobilização política, resistência cultural e religiões afrobrasileiras sob o olhar de Abdias do Nascimento

Political mobilization, cultural resistance and african-Brazilian religions under the gaze of Abdias do Nascimento

Por André Luis Pereira*

Doutorando em Sociologia (PPGS-UFRGS)

Bolsista CAPES

Mestre em Sociologia

Bacharel em Ciências sociais

andreluispereira1@hotmail.com

Resumo:

O presente trabalho visa aduzir a discussão proposta por Abdias do Nascimento acerca das condições sociais de possibilidades de existência e prática das religiões afrobrasileiras no Brasil. Um dos principais espaços onde se buscou a eliminação do referencial cultural africano foi a religião. No entanto, o que o texto evidenciará é que, justamente, na manutenção das práticas religiosas afrobrasileiras que se verificará a resistência às diversas formas de opressão a que foram submetidos os afrodescendentes no Brasil.

Palavras-chave:

Religiões afrobrasileiras. Resistência cultural. Abdias do Nascimento. Mobilização política.

Abstract:

This paper seeks to adduce the discussion proposed by Abdias do Nascimento of the conditions of social existence and the practice of African-Brazilian religions in Brazil. One of the main areas where the African cultural references were almost eliminated was the religion. However, what the text will reveal is that there is resistance before many forms of oppression the afro-descendent suffered in Brazil in the maintenance of African-Brazilian religious practices.

Keywords:

African-Brazilian religions. Cultural resistance. Abdias do Nascimento. Political mobilization.

Introdução

No atual contexto cultural e político de maior complexificação das sociedades, principalmente as ocidentais, emerge um processo de fermentação de intolerâncias, perseguições e níveis imensuráveis de racismo. Este momento, demasiado tenso para sociedades com uma composição plural, como a brasileira, requer o questionamento sobre as

condições sociais de possibilidades de respeito à diversidade frente ao processo de massificação e homogeneização advindo do fenômeno designado como *globalização*.

Infelizmente, para o caso brasileiro, constata-se que o grupo social que sofre as piores consequências dos processos discriminatórios é a população negra. Dado que os resquícios dos quase quatrocentos anos de escravidão ainda não estão superados, torna-se perceptível – apesar de todo esforço do Estado brasileiro nos últimos oito anos para a superação das desigualdades étnico-raciais – o surgimento de novas formas de segregação que, via de regra, assumem a imagem de um debate

* Bacharel em Ciências Sociais (UFPe), Mestre e Doutorando em Sociologia (PPGS/UFRGS), Bolsista CAPES, professor-tutor (EAD) do Curso de Aperfeiçoamento para Educação em Relações Étnico-Raciais (ETRC/UFPe).

reivindicatório por princípios de igualdade e valor meritocrático, mas que, de fato, buscam estabelecer e aprofundar clivagens sociais baseadas em estratificações étnico-raciais.

Os questionamentos levantados, tendo em vista as preocupações num processo de intolerância religiosa, xenofobia, discriminações raciais e outras formas conexas, são implícitos, haja vista ser a comunidade negra associada aos judeus, nordestinos e homossexuais. A comunidade negra é uma das maiores vítimas desse processo, considerando, nesse caso particular, ser o Brasil a segunda maior nação do mundo, após a Nigéria em população afrodescendente.

Considerando o contexto atual vivenciado pelas sociedades pluriétnicas e multiculturais, no qual os reflexos das intolerâncias, das injustiças e das perseguições refletem na vida dos grupos mais vulneráveis os males da modernidade, as comunidades afrodescendentes, com suas cosmogonias e teogonias próprias, em suas várias expressões de norte ao sul do país (tambor de Mina no Maranhão e Pará, Xangôs do Recife, candomblés na Bahia, umbandas no Rio de Janeiro e São Paulo, batuques no Rio Grande do Sul) vivem as agruras de um momento delicado. Neste, o modelo político-econômico adotado pelas sociedades ocidentais afeta muitos aspectos dos grupos sociais tidos como minoritários no interior destas sociedades.

No Brasil, predominam representações sociais ambíguas em relação às religiões afrobrasileiras em suas diversas variantes rituais: Candomblé, Batuque, Tambor de Minas, Umbanda, Quimbanda, Macumba etc¹. Um exemplo dessa ambiguidade reside no fato de que tais religiões foram e têm sido procuradas por pessoas dos mais variados estratos sociais e originárias de diferentes matrizes étnico-raciais, justamente por estas reconhecerem a eficácia de suas práticas espirituais e terapêuticas².

No entanto, a principal característica das religiões afrobrasileiras é a capacidade de manter vivos os referenciais da ancestralidade africana, oferecendo assim, um quadro de resistência à submissão cultural e política imposta como consequência de todo regime escravocrata. Neste sentido, diversos intelectuais têm se debruçado sobre esta temática buscando compreender as dinâmicas cosmopolíticas estabelecidas no interior destas religiões.

Porém, muitas dessas análises têm como objetivo folclorizar tais segmentos religiosos, e esta postura suscita críticas e questionamentos por parte da intelectualidade militante em prol do movimento negro. Este é o caso de Abdias do Nascimento, considerado internacionalmente como um dos principais pensadores pan-africanistas. Sua obra representa um aporte central para a análise da natureza orgânica e estrutural do racismo latino-americano, especialmente a partir da perspectiva da política regional. Nesse sentido, seus escritos foram decisivos para avançar a premissa teórica de que na América Latina se formou um sistema de dominação étnico-racial e socioeconômico específico, baseado precisamente na mestiçagem programada entre raças e etnias situadas em posições fixas de inferioridade e de superioridade.

Para que se possa compreender melhor a contribuição teórica de Nascimento, é necessário esclarecer que se trata de uma obra que não só sintetiza um discurso crítico à estrutura social vigente, mas que também propõe uma reinterpretação da realidade brasileira por meio da defesa do pan-africanismo. Dentre as diversas contribuições de Nascimento, destaca-se a proposta de pensar a situação dos afrodescendentes brasileiros desde o prisma dos seus homônimos da América Latina, problemática que nos dias de hoje vem sendo retomada sob a ótica das teorias pós-colonialistas.

Defensor da integração social a partir de um princípio de organização racial, na qual a matriz identitária que origina a conformação da nação deve ser observada para que se conceba uma perspectiva de cidadania, Abdias não postula a segregação, mas o reconhecimento do negro enquanto ator relevante para a constituição de uma

¹ ORO, Ari Pedro; BEM, Daniel F. de. A discriminação contra as religiões afro-brasileiras: ontem e hoje *Ciênc. let.*, Porto Alegre, n. 44, p. 301-318, jul.-dez. 2008. Disponível em: <<http://www.fapa.com.br/cienciasletras>> Acesso em 10.12.2010

² ORO; BEM, 2008, p. 305.

identidade nacional. Ainda afirma que a história do Brasil é uma versão concebida por brancos, para os brancos e pelos brancos, exatamente como sua estrutura econômica, sociocultural, política e militar tem sido usurpada da maioria da população para o benefício exclusivo de “uma elite branca/brancóide, supostamente de origem ário-européia”. A resistência dos afrodescendentes a esse quadro de racismo, preconceito, exclusão e desigualdade é discutida e perpassa toda a obra de Nascimento. Dentro de sua perspectiva:

[...] a tenaz persistência da cultura africana no Brasil e em outras partes da América do Sul não pode razoavelmente ser atribuída a uma suposta benevolência dos ário-latinos, nem ao caráter e cultura dos mesmos. Em qualquer caso, a falsa imagem de uma escravidão humanizada, benemérita, com certa “liberdade” tem sido atribuída ao Brasil como também à América Latina, de modo geral. Porém, não foram menos racistas nem menos cruéis do que sua contraparte ário-anglo-saxônica. Da mesma forma que nos Estados Unidos, também na América Latina ou do Sul, e no Brasil, não permitiam aos africanos a prática livre de seus costumes e tradições.³

Percebe-se que a temática da qual se ocupa Nascimento refere-se à importância da contribuição cultural negro-africana à construção da identidade nacional. Mesmo que diversos recursos intelectuais tenham sido usados para desconsiderar esta participação, Nascimento é um defensor deste fenômeno ancorado na resistência dos povos africanos vindos à América, bem como em sua efetiva manutenção do status cultural de matriz africana.

Abdias do Nascimento e as religiões afro-brasileiras

Um dos principais espaços onde se buscou a eliminação do referencial cultural africano foi a religião. Para Nascimento, o chamado sincretismo religioso tem a pretensão de manipular as religiões de matriz africana a fim de obliterar totalmente o papel destas instituições na preservação da memória coletiva dos negros vindos da África e

seus descendentes. Nesse sentido, o “*sincretismo religioso*” torna-se um mito que visa transmitir a imagem de um amalgamento ou de uma fusão natural entre as religiões africanas e o catolicismo. “Intercambiando influências de igual para igual, num clima de fraterna compreensão recíproca”. O argumento a seguir demonstra o teor da crítica de Abdias a tal processo:

[...] Como é que poderia uma religião oficial locupletada no poder misturar-se num mesmo plano de igualdade com a religião do escravo negro que se achava não só marginalizada e perseguida, mas até destituída de sua qualidade fundamental de religião? Somente na base de, flagrantemente, violenta imposição forçada, poderia ter sucesso o sincretismo das religiões africanas com o catolicismo. [...] Para manter uma completa submissão do africano o sistema escravista necessitava acorrentar não apenas o corpo físico do escravo, mas acorrentar também seu espírito. Para atingir esse objetivo se batizava compulsoriamente o escravo e a igreja católica exercia sua catequese e proselitismo à sombra do poder armado⁴.

O catolicismo apresentou-se como uma religião em termos de igualdade com as religiões africanas, apenas com o intuito de submeter às últimas aos seus dogmas e preceitos. Não há, como refere Nascimento, nenhum interesse em admitir as religiões africanas como parte integrante do modelo religioso vigente. O que interessa à Igreja Católica é a possibilidade de oferecer aos setores dominantes, além do domínio físico, o domínio psicológico dos escravos.

Afirma Abdias que só merece o nome de sincretismo o fenômeno que envolveu as culturas africanas entre si, e estas com a religião dos índios brasileiros. O sincretismo ocorrido entre diferentes religiões africanas e os cultos dos índios no Brasil constitui-se em um processo de natureza inteiramente diferente daquele ocorrido com o catolicismo. Não há imposição ou pretensão de superioridade entre as duas religiões, mas sim a assunção dos contributos de uma e outra matriz

³ NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 16.

⁴ NASCIMENTO, Abdias do. *O Genocídio do Negro Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 109.

religiosa, em que o respeito e o reconhecimento da fé alheia são os princípios correntes.

Para Nascimento, o falso caráter deste chamado sincretismo pode ser também percebido no tratamento desdenhoso dispensado às religiões africanas por seus supostos “parceiros” de sincretismo, a saber: os católicos brancos e os estudiosos da religião. As concepções metafísicas da África, seus sistemas filosóficos, a estrutura de seus rituais e liturgias religiosos, nunca merecem o devido respeito e consideração como valores constitutivos da identidade do espírito nacional. E desprezando a cultura que os africanos trouxeram, os europeus reforçaram a teoria e prática da rejeição étnica. Todos os objetivos do pensamento social, da ciência, das instituições públicas e privadas, apresentam-se como prova desta conclusão.

Incapazes de compreender o sistema de pensamento que subjaz aos rituais, os estratos dominantes objetivam destruir os referenciais africanos religiosos e culturais. Isto com a ajuda do sistema de pensamento europeu ou ocidental que se tem imposto através da coerção, às vezes até recorrendo à força armada, como recurso de submissão. Tal atitude demonstra a importância das religiões africanas como elemento subversivo dentro do denominado processo de assimilação, aculturação ou sincretismo.

As religiões afrobrasileiras exercem um papel preponderante no desenvolvimento da arte negra no país. Conforme constata Abdias, aos olhos da cultura dominante os produtos da criatividade religiosa afrobrasileira e dos africanos, de modo geral, não passavam de curiosidade etnográfica – destituídos de significação artística ou ritual. Para se aproximar da “categoria” da “arte sagrada” do ocidente, o artista negro teria que negar o conteúdo africano de seu trabalho e seguir os modelos europeus.

Esta técnica de esvaziamento cultural revela a ideia principal do horizonte artístico dominante, inferiorizar a cultura afrobrasileira através de sua folclorização. A redução da cultura afrobrasileira ao status de folclore – sem conteúdo ou densidade cultural – revela além da demonstração de desprezo ao negro dado pela sociedade vigente, a “avareza

com que essa sociedade explora o afro-brasileiro e sua cultura com intuítos lucrativos”.

[...] Pois embora a religião e a arte sejam tão ridicularizadas e folclorizadas, elas constituem valiosas e rentáveis mercadorias no comércio turístico. Nesse caminho as manifestações religiosas negras tornam-se “curiosidades” para entreter visitantes brancos. A folclorização dá um passo em frente ao desenvolver outra etapa do tratamento dispensado à cultura afro-brasileira pela sociedade dominante, a sua comercialização⁵.

Para além da inferiorização de um referencial cultural, o que ocorre com a cultura afrobrasileira é sua mercantilização enquanto fenômeno denominado como folclore. O menosprezo é substituído pelo interesse comercial que concebe a cultura negra como um *souvenir* folclórico.

Ao relegar a cultura africana a uma condição de simples folclore o sistema cultural dominante cria um “instrumento mortal” no esquema de imobilização e fossilização dos seus elementos vitais. Segundo Abdias, os conceitos originários da Europa ocidental que informam e caracterizam uma suposta cultura ecumênica, predominam neste país de negros. “Para esta cultura de identificação branca o homem folclórico reproduz o homem natural, aquele que não tem história, nem projetos, nem problemas: ele possui de seu apenas sua alienação como identidade”. Nascimento afirma que essa identidade é, pois, sua mesma alienação. Desde que a matéria-prima é o não-ser que aguarda a forma, pode-se concluir, a respeito deste sistema de alijamento cultural denominado folclore, que ele é uma espécie de matéria-prima que a elite branca dominante manipulava e manufaturava para obtenção de lucro.

Da complexa teia de inferiorização e exclusão cultural a que foi submetido o afrobrasileiro, Abdias depreende uma definição que, no seu entender, é simples, mas demonstra a importância de que se admita a matriz cultural africana como formadora da identidade nacional, para ele:

[...] sem exceção, tudo que sobrevive ou persiste da cultura africana e do africano

⁵ NASCIMENTO, 1978, p.118.

como pessoa no Brasil é a despeito da cultura branco-europeia dominante, do “branco” brasileiro e da sociedade que, há quatro séculos reina coagindo-os a alienar a própria identidade pela pressão social, se transformando cultural e fisicamente em brancos⁶.

Com o objetivo de contornar um quadro de exclusão e, principalmente, de não aceitação, os muitos negros e mulatos – principalmente intelectuais – buscaram formas de ascender socialmente através de um processo que Abdias identifica como branquificação interior. A incapacidade de suportar a estratificação vigente e a importância dada à noção de homem ocidental desenvolveu, em muitos negros e mulatos, manifestações de “ódio pela própria cor”. A imposição estética submete o indivíduo negro à assimilação cultural e cria neste a aceitação de níveis de superioridade e inferioridade racial.

Grande parte do conjunto cultural a que se refere Nascimento está ligado à matriz religiosa oriunda das sociedades africanas. Desde as manifestações artísticas até a organização política, as religiões de matriz africana no Brasil exerceram o papel de elementos aglutinadores dos valores sociais e culturais africanos. Segundo Abdias, quem se dedica a observar a presença da religião africana no país, logo percebe a importância de sua influência sobre a arte e a produção de conhecimento de um modo geral.

No entanto, essa busca de manutenção dos referenciais culturais africanos precisa superar todas as tentativas de obliteração da lembrança e da memória africanas. Conforme discorre Abdias, a classe dirigente e seus porta-vozes teóricos – historiadores, cientistas sociais, literatos educadores, etc. – têm buscado suprimir qualquer possibilidade de manutenção da cultura africana como referencial para formação da estrutura social, principalmente nos países da diáspora.

Abdias argumenta que o catolicismo como religião oficial, tanto na colônia como desde o período republicano, sempre buscou impor seus valores ideológicos e suas práticas litúrgicas aos africanos e afrodescendentes. Na relação entre

catolicismo e religiões africanas há ainda o fenômeno do sincretismo, onde a igreja católica, enquanto religião oficial ditava as normas para a prática religiosa. Porém, o autor coloca que o fenômeno que diversos pesquisadores têm apontado como sincretismo entre catolicismo e religiões africanas não passa de uma cobertura sob a qual os escravos clandestinamente se habilitavam a praticar seu próprio culto religioso, reprimido de tantas formas. Devemos ter sempre em mente que, desde o nascimento da colônia, consideraram as religiões africanas como ilegais e elas se tornaram cultos subterrâneos misteriosos e secretos.

A persistência cultural africana torna-se, assim, um ato defensivo contra as ameaças e as ações agressivas, que tem por objetivo a violação por parte da cultura dominante da cultura africana, em suas diversas modalidades. Nesse caso, a religião de matriz africana tem funcionado como centro de luta e resistência cultural dos sistemas africanos no Brasil e nos demais países da diáspora.

Sendo assim, as populações afrobrasileiras, além de exploradas economicamente, sofrem o sistemático genocídio físico e a degradação moral gerada, principalmente, pelo desprezo à sua religião e sua organização familiar, com a sanção dos intelectuais brasileiros de todas as tendências e colorações políticas e ideológicas que colaboram com tal quadro, utilizando o subterfúgio ideológico denominado ciência.

Torna-se evidente que ao insistir na defesa dos valores africanos em termos de cultura, religião, arte, organização social, história e visão de mundo, Abdias não os enfatiza apenas como forma de defesa a toda a agressão sofrida pelos africanos e afrodescendentes. Tampouco separa a afirmação da cultura afrobrasileira das demais reivindicações fundamentais da população negra, tanto de ordem econômica, como em seu sentido político. Para Nascimento, há um entrelaçamento inseparável de aspectos que somados constituem a totalidade histórico-existencial e metafísica, que é entendida como sendo cultura. Logo, a cultura afrobrasileira sempre foi possuidora de um inerente dinamismo, estando comprometida com a libertação dos afrobrasileiros, ou seja, tornou-se uma cultura de libertação.

⁶ NASCIMENTO, 1978, p. 123.

Diante de uma realidade histórica e social que desqualifica o afrobrasileiro como cidadão surge a necessidade do negro de defender sua sobrevivência e assegurar sua existência enquanto ser. Nesse sentido, os quilombos resultaram da necessidade vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga dos cativeiros e da organização de uma sociedade livre.

A continuidade de uma consciência de luta político-social de base racial se estende à atualidade. O modelo quilombista atua como ideia-força que inspira grupos e organizações sociais à busca de alternativas aos padrões de arranjos sociais hegemônicos. Para Nascimento⁷, o quilombismo encontra-se em constante atualização, atendendo as exigências do tempo histórico e do meio geográfico onde está inserido.

Percebe-se o ideal quilombista difuso, porém consistente, permeando todos os níveis da vida negra e os mais recônditos meandros e refulhos da personalidade afro-brasileira. Um ideal forte e denso que via de regra permanece reprimido pelas estruturas dominantes, outras vezes é sublimado através dos vários mecanismos de defesa fornecidos pelo inconsciente individual ou coletivo⁸.

É possível considerar que o quilombismo enquanto movimento está latente na memória coletiva do afrobrasileiro. E que, mesmo impedido de empreender sua dinâmica na vida cotidiana, o afro-brasileiro pode buscar seu referencial a fim de estabelecer novas formas de organização que lhe sejam úteis.

O quilombismo é um projeto de organização social e política que visa à valorização da população negra frente aos demais grupos que compõem a identidade nacional. É o recurso teórico e prático que fundamenta a luta coletiva em busca do reconhecimento de um grupo social, a saber, a população afrobrasileira.

Conforme afirma Abdias, este modelo se origina na organização dos quilombos que serviam a uma exigência vital dos africanos escravizados,

com o propósito de resgatar sua liberdade e dignidade através da evasão do cativo e da organização de uma sociedade livre. Assim sendo, “a multiplicação dos quilombos fez deles um autêntico movimento amplo e permanente”⁹. A assertiva a seguir demonstra como a organização dos quilombos propõe uma dinâmica social diferenciada.

O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitava sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também assumiram modelos de organizações permitidas ou toleradas, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importam as aparências e os objetivos declarados: fundamentalmente todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante na sustentação da continuidade africana. Genuínos focos de resistência física e cultural. Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochês, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os “ilegais” foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a esta práxis afro-brasileira, eu denomino de Quilombismo.¹⁰

É possível perceber na citação acima que o quilombismo é uma proposta concreta para a reorganização da estrutura social brasileira, baseado na diversidade e multiplicidade organizacional das sociedades africanas. O quilombismo, afirma Nascimento, possui um caráter nacionalista, no entanto, esse nacionalismo renega qualquer ideia xenofóbica, traduzindo-se em uma luta anti-imperialista, articulada ao pan-africanismo, objetivando a sustentação de uma solidariedade radical com todos os povos que lutam contra a

⁷ NASCIMENTO, 1980.

⁸ NASCIMENTO, 1980, p. 257.

⁹ NASCIMENTO, 1980

¹⁰ NASCIMENTO, 1980, p. 255.

exploração, a opressão, o racismo e as desigualdades motivadas por raça, cor, religião ou ideologia.¹¹

Notas sobre a brasilidade negro-africana

Em uma análise de caráter sociológico da condição do negro brasileiro, Clóvis Moura¹² relata a forma como a mestiçagem operou um processo de dominação fundamentado na ideia de que os africanos e, posteriormente, os afro-brasileiros também contribuíram à formação da identidade nacional brasileira. No entanto, essa contribuição está localizada no espaço destinado ao folclórico e exótico. Desta feita, o autor parte de uma crítica radical à sociologia acadêmica buscando demonstrar os efeitos do processo escravista à população afro-brasileira, construindo, assim, uma abordagem singular da situação social, econômica e cultural do negro no Brasil. Ao utilizar como ferramenta de análise as mesmas categorias trabalhadas por Abdias do Nascimento, Moura expõe a forma como sincretismo, assimilação, acomodação e aculturação operam no sentido de negligenciar o africano e o afrobrasileiro como ator social no Brasil.

Assim como Nascimento, Moura critica a intelectualidade e, principalmente, a fração das ciências sociais que toma tais categorias como suficientes para explicar a dinâmica das relações raciais no país. Observando a importância das religiões de matriz africana, Moura¹³ destaca a forma como o sincretismo tem sido tomado como o fenômeno que explica o modelo religioso que ordena a sociedade brasileira. Ainda segundo este autor, as religiões de matriz africana são sempre tratadas como fetichistas, animistas e inferiores. Sua crítica direciona-se aos analistas que defendem a ideia de que somente o contato entre o catolicismo e tais religiões faria das últimas elementos componentes de uma vertente popular do catolicismo.

O que o autor demonstra é que os pesquisadores das relações raciais no país –

principalmente aqueles que estudam aspectos religiosos – tendem a imprimir um olhar enviesado, geralmente, por sua própria pertença à religião dominante. Daí a defesa de um fenômeno que explicaria a superioridade católica/cristã e a inferioridade das religiões africanas. O sincretismo entraria como conceito mediador de um contato prolongado entre membros de culturas superiores e inferiores. Conforme afirmação de Moura:

Para esses estudiosos, antropólogos, sociólogos e/ou sacerdotes, de várias formações teóricas, mas todos convergindo sincronicamente nas conclusões, depois de um período de *acomodação* (período de resistência, portanto, pois a *acomodação* pressupõe a consciência pelo menos parcial do conflito) o processo deverá desembocar fatalmente na assimilação. E com isto as religiões afro-brasileiras, por inferiores, fetichistas, e, por isto mesmo, incapazes de dar respostas às indagações e inquietações místicas satisfatórias dos afro-brasileiros, seriam diluídas na estrutura do catolicismo, religião capaz de responder, a essas indagações à medida que os afro-brasileiros fossem se capacitando mentalmente a entender as delicadezas do catolicismo¹⁴.

Percebe-se na crítica de Moura que o fenômeno do sincretismo serve como um conceito científico que justificaria a imposição da religião dominante, a saber, o cristianismo católico, e que explicaria o fim último das religiões afro-brasileiras, ou seja, sua completa assimilação a um modelo religioso que se apresenta como superior e insuperável.

Como consequência desse processo tem-se a assimilação como um fenômeno de conotação política. Isto porque, nas palavras do próprio Moura, “a política assimilacionista foi, sempre, aquela que as metrópoles pregavam como solução ideal para neutralizar a resistência cultural, social e política das colônias”.¹⁵ No entanto, no caso brasileiro, há nuances diferenciadoras em relação às culturas afro-brasileiras. Segundo Moura, “como não estamos diante de um país ocupado por membros de uma população estrangeira não há uma relação estrita entre metrópole-colônia,

¹¹ NASCIMENTO, 1980.

¹² MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

¹³ MOURA, 1988.

¹⁴ MOURA, 1988, p. 41.

¹⁵ MOURA, 1988.

contudo o conteúdo do assimilacionismo é o mesmo, com os mesmos objetivos de submissão ideológica”.¹⁶

Apesar das características específicas nas relações interétnicas entre brancos e negros no âmbito do contato religioso, a perspectiva da dominação ideológica da religião católica ainda opera no sentido de fazer com que, via sincretismo, as religiões afrobrasileiras incorporem-se à estrutura do catolicismo e permaneçam assimiladas no limite do “catolicismo popular”. A certeza do caráter de dominação desse processo encontra-se na assertiva a seguir:

Essa assimilação assim concebida tem uma essência escamoteada da realidade via valores neocolonialistas, ideologia que ainda faz parte do aparelho de dominação das classes dominantes do Brasil e de grandes camadas por elas influenciadas. Tomando-se como perspectivas de análise uma visão alienada do problema, a conclusão que se tira é de que, de fato, essas religiões fetichistas existentes devem ser incorporadas às civilizadas e os seus membros ou grupos, não assimilados, transformados em *quistos exóticos*, em reservas religiosas que não mais representam os padrões da cultura que foi e está sendo elaborada: a *cultura nacional*. Folclorizam-se, então, esses cultos religiosos não assimilados e eles são apresentados e/ou estudados como representantes das religiões enlatadas, resquícios do passado, fósseis religiosos sem nenhuma função dinâmica no presente.¹⁷

É evidente que a preocupação de Clóvis Moura segue no mesmo sentido da análise de Abdias do Nascimento. Ao se referir o processo de folclorização das religiões afro-brasileiras, Moura¹⁸ demonstra que esse fato tem como objetivo suprimir da memória afro-brasileira e da história social do país o principal locus de mobilização contra o fenômeno do preconceito, da discriminação e do racismo. Ao descaracterizar as religiões afrobrasileiras, via assimilação, os setores dominantes na intelectualidade brasileira desvalorizam e até mesmo desrespeitam a possibilidade e a capacidade de organização dos

afro-brasileiros em prol de uma sociedade com maiores níveis de igualdade e justiça.

Considerações finais

Em certa medida, a discussão proposta por Abdias do Nascimento sobre as religiões afrobrasileiras e sua função de pilar da resistência político-cultural é produzida a partir da experiência do intelectual como testemunha da história política de representação do negro brasileiro. Uma produção que aduz questionamentos profícuos para a agenda sobre política e pensamento social no cerne da sociologia brasileira. Abdias do Nascimento escreveu textos considerados referência no estudo das relações étnico-raciais no Brasil, trabalhos que merecem o devido cuidado e atenção de leitura, interpretação e até atualizações perante o momento político em que o debate sobre as relações étnico-raciais vem, fortemente, à tona, com o incentivo às políticas públicas de reparação, de reconhecimento e valorização de ações afirmativas.

Abdias do Nascimento produziu um conjunto de escritos complexos, nos quais se percebe um duplo movimento: a construção de uma perspectiva africana como formadora da estrutura social do Brasil e da América Latina e a reivindicação identitária como forma de reconhecimento da população de origem africana no país e no continente.

O argumento principal da vasta produção de Nascimento ressalta a importância de uma postura intelectual, principalmente no Brasil, de resistência a toda e qualquer forma de racismo e de contribuição à história, à memória e visibilidade às tradições africanas e afrobrasileiras. Tradições que foram transformadas com o tempo e reconfiguradas de acordo com costumes e valores ressignificados na diáspora pelos africanos e seus descendentes.

Abdias do Nascimento foi interlocutor de diversos intelectuais, contemporâneos seus e elaborou discursos de teor político, em contextos internacionais, baseados nas apropriações pontuais dos textos destes intelectuais. Política, cultura e ciência se entrecruzam na formação destes

¹⁶ MOURA, 1988.

¹⁷ MOURA, 1988, p. 43.

¹⁸ MOURA, 1988.

discursos políticos que visavam denunciar o preconceito racial presente no Brasil, desmascarar a ideia da “democracia racial”, questionar os efeitos do colonialismo sobre a sociedade brasileira e pontuar a exploração dos africanos e de seus descendentes, e também a sua luta constante.

Ainda, ao tomar a cultura africana como tema de seus discursos políticos, o autor se apropriou de uma temática das ciências sociais no país. Ao retomar um tema percorrido por autores variados, Nascimento dialogou com uma tradição de formação de um pensamento sobre o negro, que incluía outras áreas como a literatura, a arte, o teatro, mas a partir do ponto de vista de um afrodescendente que tomou em suas mãos a tarefa de avaliar criticamente a trajetória social de um grupo populacional explorado e expropriado pela escravidão e pelo preconceito racial.

Nascimento apresentou um diagnóstico da sociedade brasileira e da posição do negro nesta sociedade, que é em parte tributário das leituras de obras históricas e sociológicas. Ao mesmo tempo percebe-se o movimento inverso: a recepção das ideias de intelectuais militantes influenciando o processo de elaboração de análise sobre a dinâmica social e indicando alternativas ao pensamento tomado como científico e/ou acadêmico.

O projeto político-intelectual de Abdias do Nascimento, para o Brasil contemporâneo, resultado do levantamento e da problematização de algumas questões pertinentes à formação e conscientização das comunidades negras, consiste em contemplar alterações no sistema de representação da tradição cultural brasileira. Este projeto priorizou, de maneira contundente, a crítica à mestiçagem e à ideologia da democracia racial, porque Nascimento entendia estes aspectos como uma limitação do movimento negro no diálogo com as elites brasileiras na conquista de espaços de participação para uma democracia inclusiva.

Não obstante, o projeto de reorganização nacional proposto por Nascimento não obteve aprovação unânime dentro da própria comunidade negra por razões de discordância entre as várias correntes do movimento negro, situação comum a todo movimento político. Essa discordância evidenciava-se pela vinculação do projeto político

de Abdias do Nascimento à corrente pan-africanista e afrocentrista, de união dos negros através de uma nação transnacional. Em alguns documentos, fica evidente a tentativa de identificação da luta negra no Brasil com as lutas civis nos Estados Unidos e a descolonização da África.

Assim como grande parte dos intelectuais que compõe hoje o escopo teórico do pós-colonialismo, Abdias do Nascimento além de analisar os fenômenos sociais contemporâneos a sua atividade intelectual propõe alternativas à organização social do país e da América Latina. Ao sugerir o quilombismo como modelo alternativo de reorganização social, Nascimento pressupõe uma sociedade multirracial e multicultural, onde a integração não seja um fenômeno racista ou impositivo, mas que as diversas culturas componentes do sistema social estabeleçam um padrão de convivência baseado no reconhecimento e na diversidade.

Concluindo, sua obra encerra uma grandeza ainda pouco explorada pelas ciências sociais. Afinal, Abdias do Nascimento conseguiu concretizar um empreendimento de certa grandeza: além de percorrer uma trajetória pessoal e profissional original, dialogou com alguns dos principais sociólogos, antropólogos, historiadores e militantes do século XX. Nascimento inscreveu mais claramente a política em seus interesses, e com isso criou um movimento paradoxal: interessou-se pela produção intelectual das ciências sociais inseridas no contexto da institucionalização, mas ao mesmo tempo afastou-se de uma imersão no território acadêmico e institucional. Desterritorializou temas, áreas, ideias e autores em seus textos e trajetória de vida, mas ao fim pode-se perceber uma hierarquia em que a política foi uma instância que ordenou seu pensamento sobre as diversas facetas de sua análise da vida social.

[Recebido em: abril de 2011,
aceito em: maio de 2011]